

RESENHAS

L'atelier et le robot

de Benjamin Coriat, Paris, Ed. Christian Bourgeois, 1990, 300 p.

por Antonio Santos Oliveira¹
Paula Cristina da Silva¹

Flexibilidade. Diferenciação. Integração. Polivalência São essas as palavras-chaves na construção que Coriat faz do seu objeto, com as quais seduz o leitor, levando-o a penetrar na nova era da automação e da microeletrônica e a desvendar os liames de um novo modelo de trabalho. Ao longo dessa viagem, o Autor vai abrindo muitas portas para diversos aspectos do amplo movimento de transformações que percebemos no mundo inteiro. Para esse tema estão voltadas as atenções dos pesquisadores interessados em compreender, afinal, em que consistem e quais são os impactos das inovações organizacionais e tecnológicas, e saber até que ponto se poderia falar do fim dos modelos tayloristas e fordistas do trabalho e da inauguração de um novo modelo.

Coriat posiciona-se nesse debate de maneira cautelosa Sua análise dos casos da França, EEUU, Alemanha e Japão, aponta para uma tendência à reformulação e até mesmo consolidação do fordismo e não para o seu desaparecimento, embora reconhecendo que inúmeras novidades já são uma realidade, mesmo nas regiões periféricas, e que houve um abalo do sistema fordista strictu sensu.

Num livro de 1979, *L'Atelier et le Chronomètre*, Coriat havia caracterizado e definido o fordismo, avaliando as circunstâncias e as condições de sua crise. Passados mais de 10 anos, o que o preocupa agora é dar conta dos múltiplos aspectos das novas economias de variedade, avaliando as suas possibilidades e os seus limites, ao longo dos seis capítulos que compõem *L'Atelier et le Robot*. Ele começa por discorrer sobre os novos tipos de tecnologia introduzidos nas fábricas do pós-fordismo, procurando relacionar tecnologias, mercado e organização. Na segunda parte, trata das mudanças ocorridas no sistema fordista, apontando seus microfundamentos e caracterizando a especialização flexível e a flexibilidade dinâmica. Na terceira parte, detém-se nos impactos dessas mudanças sobre a divisão do trabalho

Alunos do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Bahia.

Cademo CRH, n. 14, p.115-118, Jan./Jul., 1991.

e nos novos termos da relação salarial, tratando, ao final, da grande transição do modelo fordista para o modelo pós-fordista do trabalho.

Face a uma obra extensa e ambiciosa, destacaremos alguns aspectos que marcam seu especial interesse para o debate atualmente travado na Sociologia do Trabalho.

Para Coriat, três momentos parecem haver caracterizado a tematização relativa a gestão da produção: o momento da escola clássica, cujo mote foi a chamada organização científica do trabalho, dominante nos anos 50 e centrada no taylorismo e no fordismo; o da escola neoclássica, onde os novos motes passaram a ser o enriquecimento e o alargamento das tarefas (nos anos 60/70); e o da escola pós-clássica, onde surgem as idéias-chaves de flexibilidade e polivalência, associadas às inovações vindas do Japão nos anos 80/90.

A passagem de um momento para outro não foi automática e dependeu da opção racional das empresas visando o aumento da produtividade. Para Coriat, a substituição das economias de escala, das linhas rígidas de produção em massa de um só produto, pelas economias de variedade, de linhas flexíveis de produção em pequena e média escala de produtos diferenciados, trouxe alguns benefícios decisivos na escolha empresarial.

As novas tecnologias significaram aumento da produtividade e intensificação do trabalho, além de redução dos custos e riscos. O engajamento da empresa, reduzindo investimentos em capital fixo, foi possível já que uma parte importante dos materiais e dos equipamentos pôde ser reutilizada nas trocas de modelos. A associação entre monotecnologia e multiprodutos permitiu a redução da distância entre a capacidade instalada e os produtos demandados pelo mercado. Desse modo, os sistemas integrados-flexíveis conduziram, na leitura de Coriat, ao estabelecimento de um conjunto de normas que promoveram ganhos de produtividade. Isso pode ser percebido em três domínios conexos: (i) tarefas mais enriquecidas em contraposição à hiper-divisão do trabalho, (ii) flexibilidade do produto aliada à flexibilidade do processo e (iii) possibilidade de interações processo-produto num só movimento.

As perspectivas abertas pela emergência das tecnologias flexíveis atingiu diretamente a organização fordista, alterando as próprias normas de concorrência e renovando, pela produção diferenciada, os ganhos de produtividade. Entretanto, o sistema de produção em massa também tirou proveito da produção flexível, adquirindo contornos mais apropriados à instabilidade e à crise. Não há, assim, uma incompatibilidade entre um e outro, mas, pelo contrário, uma interpenetração.

Conseqüente com este enfoque, Coriat explora os limites de validade dos modelos fundados nos princípios da Especialização Flexível e da Especialização Dinâmica, apontando seus condicionantes principais nas configurações da concorrência, dos ciclos de vida dos produtos e das características da demanda. Entretanto, qualquer que seja a via que se tome, o mais importante a destacar nas novas tendên-

cias do crescimento industrial capitalista é a constituição de novos princípios econômicos, que estão informando as novas práticas e estratégias gerenciais.

Coriat dedica parte decisiva do seu novo livro ao notável movimento de reconfiguração da divisão do trabalho, resultante das inovações organizacionais e tecnológicas, que alteraram as modalidades de uso e consumo do trabalho vivo. Sistematiza três tipos de efeitos que denomina: efeito de deslocamento, efeito de reclassificação e efeito de organização.

Tratando do efeito de deslocamento, analisa a redistribuição do trabalho concreto, destacando a dissipação relativa do trabalho, a extensão do trabalho indireto, a reaproximação e interpenetração do trabalho direto e indireto, e a ascensão do trabalho de gestão na fábrica.

O efeito de reclassificação dos postos de trabalho atinge de três formas as categorias de trabalhadores: algumas são excluídas, outras são instabilizadas e outras são "valorizadas". No primeiro caso, encontram-se os trabalhadores de baixo nível de escolaridade inicial, que têm, por isso mesmo, maior dificuldade de ajustar-se às novas tarefas. Encontram-se, também, os jovens de formação técnica de curta duração e os operários de ofício; estes últimos cada vez mais substituídos por operários de uma profissionalidade "transversal" (mecânico, eletrotécnico, etc). Entre as categorias instabilizadas estão os operários profissionais e os mestres; o saber-fazer dessas categorias, embora não seja suprimido, não é reutilizável como tal no novo modelo. Já os operadores de processo e os técnicos de produção fazem parte das categorias "valorizadas"; são grupos emergentes, que respondem às novas características da organização da produção automatizada.

Para Coriat, o efeito de organização é relativo às estratégias e às políticas da empresa face, por um lado, ao reagrupamento e à alocação das tarefas nos perfis dos postos e, por outro, aos modos de ordenação dessas tarefas. Desse efeito também resultam categorias "desvalorizadas" e outras "valorizadas".

Ao longo de toda a exposição e análise de Coriat percebe-se tanto uma clara rejeição ao determinismo tecnológico ou econômico, quanto a opção por estabelecer um diálogo entre a economia e a sociologia do trabalho, abordando as transformações organizacionais e tecnológicas como inseridas e construídas na teia das relações sociais.

Os subsídios aos sociólogos que estudam a organização do trabalho são, pois, muito grandes. O livro permite, por exemplo, levar adiante o debate travado nas últimas décadas a respeito de uma suposta tendência histórica à degradação do trabalho sob o capital. Coriat evidencia que a degradação do trabalho não é uma tendência geral nem generalizável do modelo pós-fordista de divisão do trabalho. Embora a degradação exista em determinadas circunstâncias, há, em outras, a valorização de categorias e o aparecimento de novas funções/habilidades, perdendo o sentido qualquer oposição absoluta entre qualificação/desqualificação.

Uma linha de investigação instigante como esta desafia-nos a refletir sobre as implicações deste novo modelo organizacional e tecnológico para a organização e a gestão do trabalho numa sociedade como a brasileira. Nela, ao tempo em que parece mais forte a integração à economia internacional, mostram-se débeis alguns elementos cuja mediação foi decisiva nos países capitalistas centrais; dentre eles destacamos o Estado e o movimento sindical, pouco afeitos aqui a encarar as novas tecnologias de produção e de gestão do trabalho em seus efeitos sociais mais complexos.

Trata-se, sem sombra de dúvida, de uma obra cuja tradução ao português é tarefa de primeira hora Com a palavra os editores brasileiros.